



A desconstrução da expertise no jornalismo: considerações sobre a autoridade profissional no contexto da desinformação impulsionada pelos algoritmos

Claudia Miranda Rodrigues¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Leonel Azevedo de Aguiar²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: O processo global de disseminação de desinformação e dispersão de conteúdo falso nas plataformas digitais, acirrado pela ação dos algoritmos, contribui para a erosão da credibilidade de um dos polos que integram o campo jornalístico: o polo profissional. A configuração contemporânea da ecologia das mídias, que se acentua com a descrença em relação à importância da expertise, resulta na desqualificação dos valores da cultura dos jornalistas e do jornalismo enquanto forma de conhecimento. Este artigo conduz uma reflexão sobre a erosão da autoridade profissional dos jornalistas, com respaldo em Abramson (2019), Kakutani (2018), Nichols (2017) e Schudson (2014; 2010). Discute ainda a noção de sistema perito e a relação entre objetividade e *big data* como indicadores da qualidade jornalística em um cenário no qual a maior parte dos internautas consome informações que são percebidas como fidedignas e credíveis.

Palavras-chave: jornalismo; credibilidade; autoridade profissional; teorias do jornalismo; desinformação.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio. Mestre em Comunicação (PUC-Rio) e jornalista diplomada (UFRJ). E-mail: claudiar63@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Diretor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Jornalista diplomado (UFF). E-mail: laaguiar@oul.com.br

1. Introdução

A noção do jornalismo como uma forma de conhecimento sustenta-se no seu caráter de mediação entre público e realidade. O jornalista não cria ficção; sua função é informar sobre o que é relevante em sociedade e acerca do presente momentâneo (GROTH, 2015). A objetividade, regra essencial na base desta premissa (KOVACH & ROSENSTIEL, 2001; GUERRA, 1998), permite a elaboração de uma “verdade como correspondência” (SPONHOLZ, 2009, p.19). A outorga concedida aos jornalistas profissionais para produzir relatos verdadeiros se assenta na expertise baseada em estratégias adotadas na produção da notícia (TUCHMAN, 1999; SCHUDSON, 2010).

O crescimento de uma postura cética frente aos especialistas sugere que muitos cidadãos, hoje, rejeitam a mediação, seja ela de cientistas ou de jornalistas (NICHOLS, 2017). Essa atitude – reforçada pelo movimento negacionista – engloba ciência, história e os fatos. A fragmentação imposta ao campo do jornalismo pelo advento das plataformas digitais propiciou a disseminação de desinformação que é impulsionada por algoritmos em compartilhamentos de conteúdo escolhido, ou forjado, como verdadeiro.

O comentário do senador americano Daniel Patrick Moynihan aponta uma tendência: “todo mundo tem o direito de ter suas próprias opiniões, mas não seus próprios fatos” (KAKUTANI, 2018, p. 16). Em tempos de “fatos alternativos”, o descaso em relação à verdade enfraquece a razão e acirra o desprezo ao conhecimento especializado. Merrit e McCombs (2004) percebem o impacto da internet sobre a perspectiva histórica do jornalismo como um catalisador da deliberação democrática.

Qualquer pessoa com acesso a um *modem* de computador (...) não é mais apenas um destinatário de informações, mas também é um provedor de informações em potencial (...), aumentando exponencialmente a origem das informações. Quando qualquer pessoa na Terra pode teoricamente alcançar qualquer outra pessoa na Terra com qualquer mensagem - seja ela benigna, precisa ou totalmente imprecisa, difamatória ou inócua, profana ou espiritual - o problema de fornecer relevância para o processo deliberativo democrático torna-se profundo (MERRIT; McCOMBS, 2004, p.6).

Ondas de populismo e fundamentalismo espalhadas pelo mundo suscitam a aderência à sabedoria das multidões no lugar da informação especializada (KAKUTANI, 2018, p.12). O *Reuters Institute Digital News Report 2019* aponta como a acentuada

polarização e a agenda partidária nas redes sociais contribuem para minar a confiança na mídia. O estudo do *Reuters Institute* demonstra que, mesmo com a maior adesão ao *Instagram* e ao *Whatsapp*, o *Facebook* se mantém como a rede social mais importante na distribuição de notícias.

O consumo de notícias de forma customizada – incluindo boatos e relatos falsos – impacta a centralidade da mídia como fonte de informação. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, possui um canal de notícias no *Facebook* – seguido por seus apoiadores – e rotula de *fake news* “o jornalismo que considera ameaçador ou desfavorável” ao seu governo (KAKUTANI, 2018, p.117). Da mesma forma, o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro utiliza página no *Facebook* para pronunciamentos oficiais e sugere *blogs* favoráveis ao seu governo como fonte de informação aos seus eleitores.

Há um inegável abalo na credibilidade do jornalismo, conforme apontam estudos³ como o que auferiu a confiança na mídia jornalística, nos Estados Unidos. Atentas à conjuntura desfavorável, as organizações jornalísticas buscam saídas para a “crise”. O consórcio *Comprova*, coalizão de 24 veículos de comunicação que faz *debunking* de *fake News*, é um exemplo. Outro é a *Global Alliance for Responsible Media*, uma iniciativa criada recentemente que reúne imprensa, anunciantes, *Google* e *Facebook*. Apesar do ceticismo de parte da indústria, o objetivo é combater o discurso de ódio e a desinformação; uma chamada por mais responsabilidade coletiva nas práticas da mídia e redes sociais com cobrança de ações efetivas e *accountability*.

Organizado em duas seções, o artigo discute as razões por que cresce o ceticismo em relação aos experts. A partir da reflexão sobre a descrença no valor da perícia, o artigo busca compreender a construção da ideia de expertise profissional. Neste percurso, evoca uma genealogia histórica que mostra o influxo das ciências sociais sobre as rotinas jornalísticas desde a era da informação, no século XIX, até o jornalismo do *big data* no século XXI (SCHUDSON, 2010; ANDERSON, 2018) como estratégia para construção de narrativas precisas e objetivas.

³ A pesquisa realizada pela Reuters/Ipsos de 7/12/2018 a 20/12/2018 ouviu 4.210 adultos, sendo 1.657 democratas e 1.505 republicanos. Disponível em https://www.cjr.org/special_report/how-does-journalism-happen-poll.php. Acesso em 25 mar. 2019.

2. Expertise em declínio

Thabo Mbeki, presidente da África do Sul de 1999 até 2008, rejeitou a oferta de drogas para tratamento de portadores de Aids porque acreditava que a infecção era resultado de fatores como sujeira e desnutrição. Médicos da *Harvard School of Public Health* calculam que a negação foi responsável por mais de três mil mortes e o nascimento de 35 mil crianças portadoras de HIV. Thabo era seguidor de um grupo de pesquisadores que, contra todas as evidências empíricas que comprovaram a existência do vírus da imunodeficiência humana (HIV), negava fatos científicos (NICHOLS, 2017, p.1-3).

Em obra lançada em 1962, Richard Hofstadter notava a forma como a complexidade do mundo moderno fez brotar um sentimento de pouca competência e autonomia junto ao cidadão comum. Esse complexo de opressão produziu sentimento de desamparo e rancor junto a um segmento que se sentiu subjugado e transformou o conhecimento formal em razão de ressentimento. Se antes o *expert* era considerado essencial, agora ele é rechaçado por ocupar o lugar de cidadão crucial. “O problema aumenta quando as pessoas começam a acreditar que conhecer um pouco sobre algo significa perícia” (NICHOLS, 2017, p. 37).

Trump e Bolsonaro desprezam o conhecimento especializado e sistematicamente desqualificam a mídia. Para Kakutani (2018, p. 33-34), é um reflexo do declínio da importância do discurso racional e do bom senso – tendência apontada previamente por autores como Susan Jacoby. Entre as causas, um vício no infoentretenimento, a força do fundamentalismo religioso, a associação do intelectualismo ao liberalismo em desacordo com valores tradicionais americanos e um sistema educacional que não fornece habilidades básicas e, conseqüentemente, “lógicas para reger estas habilidades” (JACOBY, 2017, p. 307).

Kakutani argumenta que o pós-modernismo tem forte influência sob a queda da confiança nas instituições. O relativismo que ganhou força na década de 60 desencadeou um processo crítico em relação à narrativas oficiais e relativizou o conceito de verdade. Mas longe de culpar os pós-modernistas pelo niilismo que se aprofunda, Kakutani (2018, p. 53) percebe como os setores políticos organizados da direita se apropriaram desta narrativa.

A credibilidade da mídia também foi impactada por críticas ao viés ideológico e influência no processo político em países como Rússia, Venezuela e Peru (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Neste último, no final dos anos 90, toda a rede de televisão e vários jornais tabloides constavam na folha de pagamento do governo e o principal acionista do Canal 5 recebeu 50 mil dólares em troca da demissão de dois repórteres investigativos (ibidem, p. 85). Abramson (2018), em *Merchants of Truth*, observa como a controversa abertura da guerra do Iraque, por exemplo, abalou a reputação sobre a autoridade da imprensa americana. Questionamentos ideológicos sobre as imbricações políticas da atividade jornalística cresceram a partir dos anos 60 e resultaram uma série de investigações acadêmicas (TRAQUINA, 2012, p.162). Esta cultura crítica abalou conceitos cristalizados, como a objetividade da mídia.

A crença na capacidade de o sistema midiático exercer interferência na seleção e circulação de informações e de interpretações que ajudam a consolidar a construção de consensos sociais é a base das teorias da ação política (TRAQUINA, 2012). Este pensamento encontra eco em autores como Herman e Chomsky (2002), Stuart Hall (1973), Gítlin (2005) e Ramonet (2013).

A esmagadora variedade de fontes nas plataformas digitais favorece ainda a busca por conteúdo que confirme opiniões ou corrobore fatos. Kavanagh e Rich (2018) notam que as mídias sociais facilitam que a audiência compartilhe as mesmas crenças, o que prejudica a exposição e aceitação de informações fidedignas. Esta realidade alimenta a polarização e as bolhas na internet e, em última análise, intensifica a disseminação de desinformação. As mídias partidárias – onde predomina a indefinição entre opinião e fatos e a ideia de “agente da Verdade” – estimulam a crescente desconfiança na mídia (KAVANAGH; RICH, 2018, p. 96). O *Jornal da Cidade Online* – denunciado por veicular conteúdo falso – é um exemplo de esgarçamento entre material factual e opinativo com excesso de adjetivos e viés ideológico.

Com respaldo em Tocqueville, Nichols (2017) assinala o vínculo entre a desconstrução da confiança na autoridade intelectual e a ideia da igualdade na América. A premissa igualitária leva os cidadãos a buscar em sua própria razão a fonte mais óbvia e próxima da verdade. Neste sentido, a disposição de confiar na autoridade, seja ela qual for, enfrentará resistência.

Nichols (2017) localiza o processo de erosão da confiança na mídia, nos Estados Unidos, a um fenômeno observado desde os anos 70 a partir da influência de *talk shows* em rádios AM⁴, como o do apresentador Rush Limbaugh – com penetração em seiscentas estações em todo o país. O autor de *Death of Expertise* nota como Limbaugh torna-se fonte de verdade frente ao resto da mídia americana. O jornalista e acadêmico sustenta que a repercussão do *talk radio* “forneceu a fundação para os ataques ao conhecimento estabelecido que mais tarde floresceram nas mídias sociais” (NICHOLS, 2017, p.145). O debate inclusivo era apenas o pretexto para que o apresentador criasse um agenciamento e um senso de comunidade entre pessoas inclinadas a concordar entre si. Este modal foi pioneiro na construção de redes sociais e conexão entre pessoas que rejeitavam a grande mídia e posteriormente seria ultrapassado pela internet em seu poder de conectividade (ibidem).

Um exemplo da influência de figuras midiáticas nas redes sociais é o caso da jornalista curitibana Joice Hasselmann. Durante a campanha eleitoral de 2018, Hasselmann lançou, no *YouTube*, seu próprio canal de notícias, o *JHN (Joice Hasselmann News)*. A atuação nas redes começou quando era candidata à deputada estadual pelo PSL. Sem provas, a jornalista publicou vídeo, em 24 de setembro de 2018, denunciando que “uma grande revista” teria recebido R\$ 600 milhões para “destruir Jair Messias Bolsonaro”⁵.

Revivificado na era da pós-verdade, George Orwell (1981), ao analisar a guerra civil espanhola em texto originalmente publicado em 1943, reflete sobre o surgimento de lideranças messiânicas quando a verdade se apresenta fragmentada. O autor observa como o nazismo nega a existência da verdade com o objetivo nefasto de controlar não apenas o futuro, mas também o passado. O precedente perigoso, nos alerta Orwell, é que se o líder diz que um fato nunca aconteceu, *de fato* nunca aconteceu.

3. Autoridade profissional, objetividade e dados

Conhecimento específico é algo inerente em qualquer ocupação. As palavras profissional, intelectual e *expert* são intercambiáveis em um sentido amplo e referem-se à

⁴ Nos Estados Unidos, somente depois de 1978 as rádios FM alcançaram mais ouvintes que as rádios AM (NICHOLS, 2017, p.145).

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rg00MYQjFrs>. Acesso em 15 dez. 2019.

peças com habilidades particulares e atuação em áreas específicas. Experts aprimoram experiência e competência continuamente e aprendem com seus erros. São pessoas com domínio sobre um assunto, ou seja, “as informações que eles fornecem ao resto das pessoas são verdadeiras e podem ser confiáveis” (NICHOLS, 2017, p.33).

Estratégias, como *peer review*, a ação de instituições como conselhos regionais e normas estabelecidas por estatutos, códigos de ética e *ombudsmen* asseguram a competência (NICHOLS, 2017, p. 35). Tais expedientes reforçam o controle de qualidade e ajudam a manter a confiança nos especialistas, em cada uma de suas áreas específicas. Estes protocolos explicam a responsabilidade que recai sobre profissionais que emitem laudos e/ou licenças e suas repercussões em caso, por exemplo, de ocorrência de acidentes.

A credibilidade está enraizada nas noções de competência, denominada também autoridade – que dá conta do conhecimento técnico sobre o assunto abordado – e na integridade da fonte – que engloba compromisso com a verdade e reputação (LISBOA, 2012). Esta perspectiva remete ao conceito de sistemas peritos desenvolvido por Giddens (1991) a fim de explicar mecanismos presentes na sociedade contemporânea marcada pela reestruturação das relações sociais. Segundo o sociólogo britânico, são sistemas de competência técnica ou profissional que organizam o mundo atual. Quando sobe uma escada de uma moradia, o indivíduo confia no conhecimento técnico de um engenheiro civil e de um arquiteto.

Quando o leitor ou espectador confia na informação veiculada pela mídia – seja ela impressa, online ou televisiva – deposita sua credibilidade porque tem fé na perícia e precisão que supõe ser aplicada na produção da notícia. Miguel (1999) se apoia no conceito de Giddens para expor a forma como o jornalismo pode ser considerado um sistema perito no que tange o campo da produção de notícias. A confiança do leitor/ouvinte/espectador se explicita na confiança quanto à veracidade das informações relatadas, em face do rigor na seleção e hierarquização dos elementos importantes no relato e na recolha correta das notícias diante do manancial de fatos disponíveis (MIGUEL, 1999, p. 187). Compreender o sentido epistemológico do conceito de objetividade jornalística parece, portanto, ser fundamental.

Enquanto gastam mais tempo tentando sintetizar a enorme massa de informação que tiram dos portais da internet, os jornalistas correm o risco de se tornarem mais passivos, recebendo mais do que procurando saber. Para ajudar a combater esse risco só existe um caminho: um melhor entendimento do significado original de objetividade, que daria maior solidez à informação (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.120).

Neste sentido, Kovach e Rosenstiel (2003) ponderam que isenção e equilíbrio funcionam como técnicas e recursos mais do que como valores. Da mesma forma, a objetividade enquanto método contribui para que os jornalistas possam construir caminhos para verificação de seus relatos. O valor destes métodos profissionais não pode ser visto como fachada ou objetivo. “Seu valor reside em ajudar-nos a chegar mais perto de uma verificação autêntica e uma versão confiável dos fatos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.116). Portanto aqueles

que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é seu próprio ponto de vista, e depois usam uma voz neutra para que tudo pareça bem objetivo, estão trapaceando. Isso prejudica a credibilidade da profissão ao fazê-la parecer sem princípios, desonesta e preconceituosa (ibidem, p.117).

Ao estabelecer seu código de ética, ou os Cânones do Jornalismo, a *American Society of Newspaper Editors*, criadas por editores de jornais americanos em 1922-23, incluiu como princípios “Sinceridade, verdade e precisão” e imparcialidade (SCHUDSON, 2014, p. 152). Foi nesta época que a palavra objetividade começou a ser utilizada e seu significado era alcançar a verdade através do método científico a partir de procedimentos rigorosos (STRECKFUSS *apud* SPONHOLZ, 2009, p. 61). O conceito foi fundado a partir da percepção que o ser humano não pode ser objetivo o que impõe a necessidade de estratégias e rituais (TUCHMAN, 1999).

Na segunda metade do século XIX, a “objetividade” dos fatos dominou profissões como medicina, sociologia e economia e marcou o jornalismo a partir das noções objetivas do empirismo, da coleta de dados e do próprio método científico (SPONHOLZ, 2009). Esta visão tem sua origem na era do Positivismo quando muitos repórteres buscavam treinamento em disciplinas científicas e a reportagem enfatizava a observação e a factualidade em detrimento do comentário discursivo (SCHUDSON, 2014). Schudson (2010) pondera que este conceito estava atrelado à “expressão da cultura de uma sociedade democrática de mercado que passava por transformações urbanas” (SCHUDSON,

2010, p.93-94). A separação entre fatos e valores foi adotada a partir de um senso profissional crescente, nas primeiras décadas do século XX, que identificava o jornalista como parte de um grupo com *modus operandi* próprio (SCHUDSON, 2014, p.150). Neste momento, os repórteres americanos aderem ao “uso indiscriminado e inteligente das anotações” – prática que naturalizou a entrevista.

A entrevista – que era tudo menos desconhecida em 1865 – foi largamente praticada por volta de 1900 e se tornou o pilar do jornalismo americano na época da Primeira Guerra Mundial, quando ainda era rara na Europa. A rápida difusão dessa nova prática entre os jornalistas americanos parece não ter sido acompanhada por nenhum argumento ideológico. Encaixa-se facilmente em um jornalismo centrado no fato e na notícia, ao invés de principalmente dedicado ao comentário político ou preocupado com aspirações literárias (SCHUDSON, 2014, p. 157).

Anderson (2018) observa a ausência de fronteiras entre quase-profissões como jornalistas e cientistas sociais no final do XIX e começo do século XX. Schudson (2010) destaca como a investigação social sistemática tornou-se quase um modismo e observar era um fator *sine qua non* para os repórteres nos Estados Unidos. Nesta época começa a se consolidar a compreensão da objetividade como um suporte para a verificação de fatos. Era frequente a adoção das pesquisas de campo por sociólogos que abraçaram as rotinas de trabalho jornalísticas de forma explícita ou implícita (ANDERSON, 2018, p. 17).

Através de um percurso *foucaultiano*, Anderson (2018) propõe uma genealogia que constrói uma ponte entre o passado, influenciado por uma visão positivista, e o presente onde se consolida o jornalismo de dados. Em outras palavras, se este termo é algo contemporâneo, o uso de dados no jornalismo remonta o final do século XIX e, em diferentes momentos, está atrelado à tentativa de construir narrativas verdadeiras. Portanto, a relação entre jornalismo e dados está fundada em um modo normativo e genealógico, “sua proposta e seu uso é acionada dentro de um emaranhado percurso histórico” (ANDERSON, 2018, p.5). A cultura da verdade – que rege o campo jornalístico – foi impactada pelo trabalho social no momento em que a Sociologia estabeleceu seus métodos, argumenta Anderson (*ibidem*).

A relação complexa entre os dois campos – jornalismo e as ciências sociais – é es-

sencial para a compreensão do uso da informação quantitativa em três momentos-chave que se constituem eras político-sociais. Propomos que a primeira clivagem orientada pelos dados é estabelecida no final do século XIX – quando editores exigem evidências com impacto nas práticas jornalísticas (SCHUDSON, 2010; ANDERSON, 2018). O segundo momento está centrado na década 60, quando foi cunhado o termo “jornalismo de precisão”, por Philip Meyer. A confiança profissional revigorada levou jornalistas a atuarem como “cientistas sociais” (ANDERSON, 2018, p. 2).

A busca por uma apuração acurada e confiável foi a fonte de inspiração, na década de 70, para o repórter e professor Philip Meyer – autor do manual *Jornalismo de Precisão* – sistematizar uma metodologia quantitativa conhecida como CAR (Reportagem Assistida por Computador), conceito-chave precursor do *big data* (HOWARD, 2014). Meyer salienta que, diante de fontes menos confiáveis, os jornalistas devem apreciar os benefícios do jornalismo de dados.

Os adeptos do CAR tem procurado – seja conscientemente ou não – um padrão mais elevado de verdade. Nossa resposta à era da informação tem sido aprender a gerenciar um corpo maior de dados com ferramentas analíticas cada vez mais ponderosas, levando a uma definição exata da verdade. Quando isso acontece, um computador é útil (...). Mas o computador em si não é o objetivo, nem define o que estamos tentando fazer. Estamos tentando empurrar o jornalismo em direção à ciência (MEYER, 2005, np).

Observamos a definição do terceiro momento com a atuação de data jornalistas capazes de trabalhar uma nova tessitura narrativa que envolve recursos multimídias, gráficos desenvolvidos dentro da semântica do jornalismo online. Este desenvolvimento “marca ainda mais a transformação da objetividade jornalística e das ferramentas disponíveis para o jornalismo contar histórias de uma maneira nova” (ANDERSON, 2018, p.3). Se a metodologia do jornalismo de dados serve de antídoto contra a produção jornalística de credibilidade questionável, a “objetividade” é garantida pela abundância de informações na *web* (CHARBONNEAUX; GKOUSKOU-GIANNAKOU, 2015, p.275).

Anderson (2018) pesquisou a atuação de movimentos religiosos fundados no século XIX, inspirados por práticas jornalísticas e pela aderência ao *social survey reportage* (a reportagem com cunho social). O fenômeno, explica o historiador, revela a predominância de certezas epistemológicas: a crença na relevância de evidências empíricas

colhidas no campo e a obsessão pelo poder dos números em iluminar importantes verdades. O método de coleta de dados e estatísticas se constituiu em uma lente própria que permitia a compreensão da sociedade. Ao realizar um estudo de caso documental sobre a SSM (*Society of Sacred Mission*), Anderson (2018) inferiu como o movimento religioso, fundado em 1893, procurou publicizar dados com objetivo de conquistar mais credibilidade. O SSM acreditava, desta forma, ser possível instigar reformas sociais.

A proximidade e o distanciamento desta época para o tempo atual é compreensível quando consideramos que o SSM foi constituído por um grupo de homens e mulheres que partilhavam a crença de que a praga da pobreza e da revolta social poderiam ser amenizadas a partir de simples coleta de dados estatísticos granulares sobre as condições sociais urbanas existentes. Em 1911, pouco desta informação (...) era acessível. Na atual era do *big data*, o espírito desta distribuição estatística reverbera junto ao cidadão conectado em rede (ANDERSON, 2018, p.20).

Kavanagh e Rich (2018) reforçam que, em tempos de desinformação, informações corretas baseadas em gráficos, ilustrações e dados abertos se adequam a altos padrões de qualidade. O acesso a dados promovido por agências como a brasileira *Gênero e Número* e britânica *The Bureau of Investigative Journalism* promovem transparência e servem como contraponto ao descrédito que cresce em ambientes polarizados e dominados por viés político. O acesso às informações governamentais com a criação de portais de transparência favoreceu a cultura do *big data*. A reportagem *Panamá Papers* – denúncia sobre envolvimento de figuras públicas e empresas no esquema de paraísos fiscais no exterior conduzido pelo ICIJ (Consórcio Internacional de Jornalismo Investigativo) – foi um marco que mostrou o potencial da combinação entre dados abertos, objetividade, autoridade profissional e relevância jornalística.

A fim de trazer transparência para as contas e investimentos da União Europeia, a agência britânica *The Bureau of Investigative Journalism*, em parceria com o jornal *Financial Times*, lançou um banco de dados abrangente que permitia acompanhar cada centavo distribuído pelos fundos estruturais da UE⁶. Jornalista investigativa do *FT*, Cynthia O'Murchu – que integrou a equipe – reforça o uso do *big data* como ferramenta para realização de reportagem com precisão na apuração.

⁶ Disponível em <https://www.thebureauinvestigates.com/stories/2010-11-29/eus-hidden-billions> Acesso em 26 set. 2018.

O exercício não deve ser apenas analisar e visualizar dados mas usá-los como ferramenta para se aproximar da verdade do que está acontecendo no mundo. Eu vejo a capacidade de poder analisar e interpretar dados como uma parte essencial do kit de ferramentas dos jornalistas de hoje. (...) Em última análise, o que importa é a boa reportagem, é contar história da maneira mais apropriada (CRAY *et. al.*, 2012, p. 18).

Se o tensionamento no campo jornalístico é evidente, como refletem Franciscato e Guerra (2006), é necessário atualizar a prática profissional. Os autores refletem sobre a própria questão da autoridade profissional, das normas e preceitos éticos – que traz em seu âmago o questionamento sobre a capacidade da mídia oferecer relatos verdadeiros a partir de procedimentos de investigação objetiva. Os autores apontam especificidades como a efemeridade e a necessidade de atualização permanente da notícia que levam a uma simplificação no método de coleta de dados em comparação com o rigor científico. Franciscato e Guerra (2006, p. 95) assinalam que adotar um nível intermediário entre as ciências e o senso comum possibilita ao jornalismo recorrer a métodos, práticas e formas que não incorram na perda de sua especialidade.

Autores que se debruçam sobre a aplicação do *big data* (YOUNG & HERMIDA, 2019; ANDERSON, 2018; LAWRENCE & SUDDABY, 2006; LOWREY, 2013; LEWIS, 2013; HOWARD, 2014; PARASIE 2015; CHARBONNEAUX & GKOUSKOU-GIANNAKOU, 2015) sugerem que a emergência do jornalista de dados – com sua expertise e pensamento computacional – fortalece a autoridade profissional e contribuiu para a regeneração do campo do jornalismo.

4. Considerações finais

O percurso deste artigo parte de uma panorâmica sobre a conjuntura do jornalismo em tempos de crescente processo de desinformação. Estudos recentes mostram como a credibilidade e centralidade da mídia sofreram impacto. “Notícias” falsas geram mais engajamento do que conteúdo produzido pelas grandes organizações jornalísticas e midiáticas em um cenário onde a polarização e a agenda partidária nas redes sociais arranham a confiança no trabalho jornalístico. Os *eco chambers* – ou as bolhas – escolhem suas informações em um processo de consumo customizado onde rechaçam conteúdo que não confirma suas crenças.

A fim de compreender as razões para o perceptível declínio da expertise, e consequentemente, da ideia de autoridade profissional, buscamos respaldo em autores como Nichols (2017), Kakutani (2017) e Abransom (2018) que buscam respostas no passado recente e no cenário contemporâneo. A percepção de um viés ideológico adotado pela mídia é um dos fatores que contribuem neste processo. O pós-modernismo e o relativismo corroboram a ideia de fatos socialmente construídos – relativizando a noção de verdade e acentuando a queda da confiança nos experts e em diretrizes como a objetividade.

A construção do lugar da autoridade está atrelada ao valor da competência e do conhecimento perito – binômio que corrobora a credibilidade e a confiança. A perícia na produção de uma notícia eleva seu grau de confiabilidade. Sem ignorar a complexidade da discussão teórica em torno da objetividade, introduzimos esse conceito no que tange a questão do método e do rigor profissional – um caminho para verificação e construção de relatos verdadeiros.

A partir de uma abordagem genealógica, autores como Anderson (2018), Schudson (2014) e Meyer (2002) percebem a correlação estreita entre ciências sociais e jornalismo – sob a influência de uma cultura da verdade e da coleta de dados. A objetividade – que marcou o jornalismo na virada do século XIX para o século XX – se reveste de significado metodológico científico com o objetivo de enunciar a verdade a partir de procedimentos rigorosos. Nesta direção, o jornalismo de precisão de Meyer procurou criar um método de apuração acurada.

O uso de dados – que atravessa um percurso histórico – se constitui, portanto, em estratégia para construção de narrativas credíveis. Franciscato e Guerra (2006) argumentam que encontrar um hibridismo entre as ciências e o senso comum amplia os recursos do jornalismo, com uso de práticas que não comprometem sua natureza. Dentro desta perspectiva, autores como Young e Hermida (2019), Anderson (2018), Howard (2014) e Lewis (2013) acreditam que a emergência do jornalismo de dados ajuda a revigorar a autoridade profissional e, em última análise, o próprio campo jornalístico.

Referências

- ABRAMSON, Jill. **Merchants of Truth: the business of news and the fight for facts**. New York: Simon & Schuster, 2019.
- ANDERSON, Chris W. **Apostles of certainty**. Data Journalism and politics of doubt. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- CHARBONNEAUX, Juliette; GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. O jornalismo de “dados”, uma prática de investigação? Um olhar sobre os casos alemão e grego. **Brazilian Journalism Research**, v. 2, n.11, p. 266-291, 2015.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GUERRA, Josenildo. Contributions of qualitative research to journalistic reporting. **Brazilian Journalism Research**, v. 2, n. 2, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.
- GITLIN, Todd. News is what newspapermen make it. In: LEWIS, Antony Dexter; WHITE, David (Orgs.). **People, society and mass communications**. New York: Free Press, 1964. p. 172-182.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUERRA, Josenildo. A objetividade no jornalismo. 183p. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 1988.
- HALL, Stuart. The Social Production of News: mugging in the media. In: COHEN, S.;
- YOUNG, J. **The Manufacture of News**. Londres: Constable, 1973.
- HERMAN, E.S.; CHOMSKY, N. **Manufacturing Consent**. Nova York: Pantheon Books, 2002.
- HERMIDA, Alfred; YOUNG, Mary Lynn. **Data Journalism and the Regeneration of News**. New York: Routledge, 2019.
- HOWARD, B. **The Art and Science of Data-Driven Journalism**. New York: Columbia Journalism School, 2014.
- HOFSTADTER, Richard. **Anti-Intellectualism in American Life**. New York: Vintage Books, 1962.
- JACOBY, Susan. **The Age of American Unreason**. New York: Pantheon Books, 2008.
- KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KAVANAGH, Jennifer; RICH, Michael. **Truth Decay**: An Initial Exploration of the Diminishing Role of Facts and Analysis in American Public Life. Santa Monica: Rand Corporation, 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LEVITSKY; S.; ZIBLAT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWIS, Seth C. Journalism In An Era Of Big Data. **Digital Journalism**, v. 3, n. 3, p. 321-330, 2015.

_____; WESTLUND, Oscar. Big Data and Journalism: epistemology, expertise, economics and ethics. **Digital Journalism**, n.3, v.3. p. 447-466, 2014.

LISBOA, Silvia. Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência. Porto Alegre, 2012. 112 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**: A reporter's Introduction to Social Science Methods. Maryland: Rowman & Littlefield, 2002.

MERRITT, Davis; MCCOMBS Maxwell. **The Two W's of Journalism**: The Why and What of Public Affairs Reporting. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

MORAES, D. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: MORAES, D. et al. **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NICHOLS, Thomas. **The death of expertise**. The Campaign Against Established Knowledge And Why It Matters. New York: Oxford University Press, 2017.

ORWELL, George. Looking Back on the Spanish War. In: _____. **A Collection of Essays**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 1981.

PARASIE, Sylvain. Data-Driven Revelation? Epistemological tensions in investigative journalism in the age of big data. **Digital Journalism**, n. 3, v3. p.364-380, 2015.

SCHUDSON, Michael. A norma da objetividade no jornalismo Americano. In: SACRAMENTO, Igor; CANTARELA, Letícia Matheus (Orgs). **História da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

_____. **Descobrendo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

STRECKFUSS, R. Objectivity in Journalism: a Search and a Reassessment. **Journalism Quarterly**, v. 67, n. 4, p. 973-983, 1990.



TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Por que as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.